



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE
RONDÔNIA
CÂMPUS PORTO VELHO - CALAMA



Caminho das Águas: uma análise das práticas discursivas frente à cheia do Rio Madeira em Porto Velho/RO, 2014.

RELATÓRIO FINAL DE PESQUISA
Edital nº13/2014

PORTO VELHO/RO, ABRIL/2015.

Ficha catalográfica

G963c

Guimarães, Naára Balbino.

Caminho das Águas: uma análise das práticas discursivas frente à cheia do Rio Madeira em Porto Velho/RO, 2014. / Naára Balbino Guimarães, João Baraldi Neto, Matheus Rodrigo F. Passos. Sheylla Chediak. Sorhaya Chediak - Porto Velho, 2015.
46 f.

Coordenadora: Prof^a. Dra. Sheylla Chediak. Co-orientadora: Sorhaya Chediak.

Relatório final de pesquisa do Edital nº13/2014, apresentado ao Departamento de Pesquisa, Inovação e Pós-Graduação – DEPESP/IFRO. Período: abril/2014 a abril/2015 – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia - IFRO, Porto Velho, 2015.

1. Prática Discursiva. 2. Cheia do Rio Madeira. 3. Hibridização Cultural. 4. Globalização. 5. Amazônia. I. Baraldi Neto, João. II. Sheylla Chediak, Sorhaya Chediak (coord.). III. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia - IFRO. IV. Título.

CDD: 410

Bibliotecário(a) Responsável: Evandro Silva de Sousa, CRB-11-956

NAÁRA BALBINO GUIMARÃES
JOÃO BARALDI NETO
MATHEUS RODRIGO F. PASSOS
SHEYLLA CHEDIAK
SORHAYA CHEDIAK

Caminho das Águas: uma análise das práticas discursivas frente à cheia do Rio Madeira em Porto Velho/RO, 2014.

RELATÓRIO FINAL DE PESQUISA
Edital nº13/2014

Relatório final de pesquisa do Edital
nº13/2014, apresentado ao
Departamento de Pesquisa,
Inovação e Pós-Graduação –
DEPESP/IFRO.
Período: abril/2014 a abril/2015

PORTO VELHO/RO, ABRIL/2015.

Sumário

Identificação	4
Introdução	4
SEÇÃO I: REFERENCIAL TEÓRICO	5
SEÇÃO II: REFERENCIAL METODOLÓGICO	11
SEÇÃO III: ANÁLISE DOS DADOS	12
Análise da entrevista 01	12
Análise da entrevista 02	16
Análise da Entrevista 03	17
Análise da entrevista 04	19
Análise da entrevista 05	25
Análise da entrevista 06	27
Análise da entrevista 07	29
Análise da entrevista 08	32
Análise de excertos midiáticos.....	35
Uma análise geral dos discursos produzidos frente à cheia do Madeira	40
Considerações Finais.....	43
Referências Bibliográficas.....	45
Anexo I: Balancete Financeiro e relação de pagamentos	46
Anexo II: Nota fiscal	47
Anexo: Aprovação para apresentação de resultados finais da pesquisa na 67ª Reunião Anual do SBPC	48

Identificação

Título da Pesquisa: **Caminho das Águas: uma análise das práticas discursivas frente à cheia do Rio Madeira em Porto Velho/RO, 2014.**

Instituição Financiadora: **Instituto Federal de Rondônia – Campus Calama**

Edital: **nº13**

Ano: **2014**

Duração da pesquisa: **abril/2014 a abril/2015**

Coordenadora do Projeto: **Sheylla Chediak**

Co-orientadora: **Sorhaya Chediak** (colaboradora voluntária)

Bolsista: **Naára Balbino Guimarães**

Colaboradores: **João Baraldi Neto e Matheus Rodrigo Fontele Passos**

Introdução

O presente relatório compreende os resultados finais da pesquisa intitulada Caminho das águas: uma análise das práticas discursivas frente à cheia do Rio Madeira em Porto Velho/RO, 2014.

Os resultados são constituídos, em sua maior parte, da revisão bibliográfica, da análise de oito entrevistas realizadas com pessoas afetadas pela cheia do Rio Madeira, ocorrida nos primeiros meses de 2014 e de textos midiáticos abordando o assunto.

Tomamos como base de sustentação teórica os estudos de autores como Orlandi (1999) e Fernandes (2007) sobre Análise do Discurso. Bauman (2005) sobre o conceito da identidade e como os questionamentos sobre ela surgiram, e Hall (2005) no que se refere às questões sobre a Pós-Modernidade, relacionando-a aos fenômenos da globalização e hibridização cultural.

O relatório final apresenta a seguinte estrutura: Introdução, Seção I: Referencial Teórico, Seção II: Referencial Metodológico, Seção III: Análise dos Dados, Considerações Finais e Referências Bibliográficas. Como anexo, apresentamos também a prestação de contas, uma vez que a pesquisa recebeu recurso financeiro do Instituto Federal de Rondônia, campus Calama.

SEÇÃO I: REFERENCIAL TEÓRICO

A Análise do Discurso é considerada por alguns autores como uma disciplina, outros a consideram como um campo de estudo ou uma teoria (ORLANDI, 1999).

Fernandes (2007) aborda algumas questões sobre a Análise do Discurso como disciplina, através da apresentação dos principais conceitos referentes a ela e sua constituição, destacando, em especial, as questões sobre polifonia, heterogeneidade e as diversas fases de construção dessa disciplina, originada nos anos de 1960 na França.

De acordo com o autor, o objeto da Análise do Discurso é o próprio Discurso. Ele precisa da linguística para ter existência material, porém não é língua, texto ou fala, mas está ligado ao aspecto social. Fernandes (*op.cit*) considera a Análise de Discurso uma área multidisciplinar, já que requer o “entrecruzamento” de diferentes áreas de estudo, tais como a linguística e a teoria dos mecanismos sintáticos e dos processos de enunciação. Além disso, a A.D. compreende o materialismo histórico e está fortemente ligada às mudanças sociais.

A História também desempenha um importante papel para a A.D., visto que ela auxilia na compreensão dos sentidos produzidos no Discurso e das condições de produção histórico-sociais (FERNANDES, 2007). Desta forma, podemos afirmar que não há como estudar as práticas discursivas sem estudar as condições históricas de produção delas.

Para analisar o discurso é necessário considerar o contexto sócio histórico e ideológico em que o enunciador se encontra a fim de compreender a noção de sentidos, proveniente da própria ideologia e lugar histórico-social do enunciador. Uma vez que conseguimos compreender as questões históricas e ideológicas, identificamos tais questões nas formações discursivas. No discurso, os sentidos das palavras nunca são estáticos e sim definidos pelo contexto socio-histórico e ideológico do enunciador, possibilitando diversos sentidos para uma mesma enunciação (FERNANDES, *op.cit*).

Orlandi (1999) considera três principais teorias constituintes da Análise do Discurso: a teoria da Sintaxe e da Enunciação; a teoria da Ideologia e a teoria do Discurso. A autora afirma que o sujeito presente no discurso é um ser

social, assimilado em um espaço coletivo, assim como Fernandes (*op.cit*); e que não é o centro de seu dizer, ou seja, ele não está no controle do seu discurso todo o tempo.

Para Orlandi (*op.cit*), o sujeito não está fundamentado em uma individualidade e sim em determinado espaço social e ideológico, e em certo momento histórico, daí a importância da História para a A.D. A voz desse sujeito revela o lugar social no qual ele está inserido e é constituída ou expressada por um conjunto de outras vozes integrantes de uma realidade social. Por esse motivo, o sujeito não é “dono” do seu próprio discurso. Nesse sentido.

Foucault (2011) afirma que o sujeito e o discurso são formados através da interação social e do cruzamento entre diferentes formações discursivas e ideológicas. Essa característica do sujeito é chamada de Polifonia ou Heterogeneidade. Para compreender o sujeito discursivo é necessário interpretar e compreender essas vozes presentes no sujeito (FERNANDES, 2007).

Orlandi (1999) relaciona algumas considerações sobre memória discursiva, interdiscurso e os ditos esquecimentos de Pêcheux:

A memória, por sua vez, tem suas características, quando pensada em relação ao discurso. E, nessa perspectiva, ela é tratada como interdiscurso. Este é definido como aquilo que fala antes, em outro lugar, independentemente. Ou seja, é o que chamamos memória discursiva: o saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma do pré-construído, o já-dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada da palavra. O interdiscurso disponibiliza dizeres que afetam o modo como o sujeito significa em uma situação discursiva dada. (ORLANDI, 1999, p.31)

A autora discute alguns conceitos importantes na Análise do Discurso, como exemplo o de memória e interdiscurso e a relação deles.

O conceito de memória quando relacionado ao discurso, também chamado de memória discursiva, é considerado na A.D. como o próprio interdiscurso, por se tratar do que já foi dito em outro lugar sócio histórico.

Já o conceito de interdiscurso é definido como um conjunto de enunciados que foram produzidos e, de certa forma, foram “esquecidos”. Com o tempo, esses enunciados constroem outros sentidos em suas relações. Por não sermos capazes de controlar a memória discursiva, construímos nossos

próprios sentidos, a partir da “ilusão” de que somos os construtores primários desses enunciados (ORLANDI, 1999).

Como dissemos, o interdiscurso significa justamente a relação do discurso com uma multiplicidade de discursos, ou seja, ele é um conjunto não discernível, não representável de discursos que sustentam a possibilidade mesma do dizer, sua memória. Representa assim a alteridade por excelência (o Outro), a historicidade.” (p.80)

A autora também aborda a questão da construção de um dispositivo analítico, de interpretação, que “guia” o analista, e que tem como função definir a interpretação do analista e ajudá-lo a relacionar o discurso com a formação discursiva, e a formação discursiva com ideologia. Esse recurso prevê que o analista relacione “o dito” ao “não dito” e exige dele uma ação interpretativa, visto que ele deve ir além do que está dito e buscar identificar os efeitos de sentido, produzidos pelas falhas, pelas metáforas, nos equívocos etc., que podem não estar presente na materialidade linguística (ORLANDI, 1999). No entanto, a própria materialidade linguística compõe os elementos de análise.

“Uma vez analisado, o objeto permanece para novas e novas abordagens. Ele não se esgota em uma descrição. E isto não tem a ver com a objetividade da análise, mas com o fato e que todo discurso é parte de um processo discursivo mais amplo que recortamos e a forma do recorte determina o modo da análise e o dispositivo teórico da interpretação que construímos. Por isso o dispositivo analítico pode ser diferente nas diferentes tomadas que fazemos do corpus, relativamente à questão posta pelo analista em seus objetivos. Isto conduz a resultados diferentes.” (ORLANDI, 1999, p.64)

Orlandi (*op.cit*) ainda destaca a necessidade de relacionar os textos às formações discursivas e essas, por sua vez, às ideologias. A análise prevê esse percurso que transcorre da “superfície linguística ao processo discursivo. Correspondentemente, passamos pela análise dos esquecimentos e chegamos mais perto do real dos sentidos na observação das posições dos sujeitos (p.71)”.

Desta forma, o texto não deve ser visto como o objeto de análise em si mesmo, mas como uma unidade que permite a compreensão dos efeitos produzidos pelo discurso. Assim, o trabalho do analista é o de percorrer esse caminho, explorando todas as etapas e utilizando-se dos dispositivos de análise, ou seja “o trabalho do analista é percorrer a via pela qual a ordem do

discurso se materializa na estruturação do texto (e a da língua na ideologia) (ORLANDI, 1999, p.72)".

Um conceito extremamente importante na A.D. é o de identidade. Esse conceito torna-se importante por remeter aos sujeitos que produzem e seu lugar social. A questão da identidade tem tomado um espaço cada vez mais amplo nas discussões acadêmicas. Isso se dá devido ao reconhecimento da indissociabilidade de elementos como cultura, identidade, memória social, ideologia em relação à A.D, já que ela não considera isoladamente a materialidade linguística.

Nesse sentido, Bauman (2005) e Hall (2005) apresentam importantes conceitos relacionados à identidade e a pós-modernidade. O último relaciona o surgimento da questão da identidade com o crescimento da sensação de insegurança e da busca de bem-estar, como resultado do colapso social. Bauman (*op.cit*) afirma que a tarefa de busca pela identidade é quase impossível e só se realiza "na infinidade e plenitude do tempo" (BAUMAN, 2005, p.16-17). Ele discute um conceito importantíssimo para o desenvolvimento desta pesquisa, já que se refere às mudanças e deslocamentos das forças da globalização.

Ocorrem as mudanças e os deslocamentos aparentemente aleatórios, fortuitos e totalmente imprevisíveis daquilo que, por falta de um nome mais preciso, chamamos de "forças da globalização". Elas transformam a ponto de tornarem irreconhecíveis, e sem aviso, as paisagens e perfis urbanos a nós familiares em que costumávamos lançar as âncoras de uma segurança duradoura e confiável. Elas realocam as pessoas e destroem as suas identidades sociais. Podem transformar-nos, de um dia para outro, em vagabundos sem-teto, endereço fixo ou identidade. Podem retirar os nossos registros de identidade ou invalidar as identidades registradas. E nos lembram, dia após dia, que podem fazer tudo isso com impunidade – quando jogam nas soleiras de nossa porta aquelas pessoas que já foram rejeitadas, forçadas a fugir para salvar a vida ou a se afastar de casa para obter meios de permanecerem vivas, despojadas de sua identidade ou autoestima (Bauman, 2005, p.100).

Esse argumento de Bauman (*op.cit.*) é um ponto central de nossa pesquisa. Sejam por forças sociais ou forças ambientais, as mudanças são comuns na sociedade moderna, o que de alguma forma influencia na

constituição da identidade, visto que ela também está ligada ao pertencimento a um determinado espaço/ambiente social.

O autor ainda afirma que para os membros que fazem parte de categorias sociais excluídas, qualquer outra identidade buscada por esses indivíduos é, a princípio, negada; “O significado da “identidade da subclasse” é a ausência de identidade, a abolição ou negação da individualidade, do “rostro” – esse objeto do dever ético e da preocupação moral (p.46)”; Assim, o indivíduo é “excluído do espaço social em que as identidades são buscadas, escolhidas, construídas, avaliadas, confirmadas ou refutadas.” (BAUMAN, 2005, p.46)

Hall (2005), por sua vez, aborda a questão de fragmentação do sujeito, a presença de várias identidades em uma só. Desta forma, o sujeito é constituído de um conjunto de identidades, de fragmentos. Por vezes, esse sujeito pode experimentar sensações de “deslocamentos”, justamente por ser composto por várias identidades e, por vezes, não sentir-se parte de uma.

Segundo Ernest Laclau (1990, mencionado por Hall, 2005), esse conceito refere-se a uma estrutura, que pode ser compreendida como “uma estrutura deslocada é aquela cujo centro é deslocado, não sendo substituído por outro, mas por “uma pluralidade de centros de poder (p.16).” Sendo assim, não há um único centro na sociedade moderna e nada se desenvolve a partir de um único princípio.

Esse deslocamento pode gerar sofrimento ao indivíduo, assim como a busca pela identidade e plenitude. Isso ocorre muitas vezes porque, mesmo voltando a vivenciar lugares e coisas que faziam sentido em um dado momento no passado, elas já não são a mesma no presente. A sensação muitas vezes é que ele não se identifica por completo nem com um, nem com outro.

Hall (*op.cit*) aborda a questão sobre efeitos dos sentidos produzidos pelos sujeitos em relação ao deslocamento.

Essas pessoas retêm fortes vínculos com seus lugares de origem e suas tradições, mas sem a ilusão de um retorno ao passado. Elas são obrigadas a negociar com as novas culturas em que vivem, sem simplesmente serem assimiladas por elas e sem perder completamente suas identidades. Elas carregam os traços das culturas, das tradições, das linguagens e das histórias particulares pelas quais foram marcadas. A diferença é que elas não são e nunca serão unificadas no velho sentido, porque elas são, irrevogavelmente, o produto de várias

histórias e culturas interconectadas, pertencem a uma e, ao mesmo tempo, a várias “casas” (e não a uma “casa” particular). As pessoas pertencentes a essas culturas híbridas têm sido obrigadas a renunciar ao sonho ou a ambição de redescobrir qualquer tipo de pureza cultural “perdida” ou de absolutismo étnico. Elas estão irrevogavelmente traduzidas (HALL, 2005, p.88-89).

A partir disso, podemos pensar em como os desabrigados devido à cheia do Rio Madeira em 2014 sofrem esse efeito, advindo do deslocamento. Muitos, após um ano da cheia histórica, ainda moram em abrigos provisórios ou em outros lugares que não antes. Eles estão vivenciando novas culturas, novas paisagens e objetos, sem sentirem-se pertencentes a esses. Mesmo que tudo voltasse como era antes, como a identidade híbrida seria vivida? Como o sentimento de deslocamento seria vivenciado?

Por fim, a partir da análise de todos esses estudos sobre esse tema, podemos concluir que esses sujeitos, vivendo a em tempos líquido-moderno, jamais terão sua identidade fixada no tempo em que gostariam de voltar.

SEÇÃO II: REFERENCIAL METODOLÓGICO

Esta pesquisa é caracterizada por uma abordagem qualitativa, visto que se preocupa com a compreensão de processos. A base teórica deu-se a partir dos estudos sobre a Análise do Discurso. Os dados coletados para análise foi constituído de duas vias, sendo elas do discurso impresso e do discurso falado, esse último, produzido por sujeitos que foram desabrigados devido à cheia do Rio Madeira nos primeiros meses de 2014.

Para análise dos discursos impressos tomamos como base textos impressos e eletrônicos veiculados em jornais de ampla circulação no território de Porto Velho.

Na perspectiva da análise das práticas discursivas da sociedade civil e dos impactos da cheia do rio às identidades pessoais e familiares utilizamos o registro de entrevistas, totalizando um número de oito, realizadas pelos próprios pesquisadores.

As entrevistas foram transcritas e analisadas em excertos, individualmente. Ao final das análises de cada entrevista, delineamos algumas comparações entre elas.

O campo de coleta constitui-se de dois espaços, o primeiro próximo às margens do Rio Madeira e o segundo o abrigo destinado aos desabrigados devido à cheia e administrado pelo Estado.

SEÇÃO III: ANÁLISE DOS DADOS

Nesta seção apresentaremos individualmente a análise de oito entrevistas. Para tanto, empregamos siglas; nas entrevistas adotamos as letras NR1, NR2, NR3, NR4, NR5, NR6, NR7 e NR8 nos textos midiáticos, utilizamos MD1, MD2, MD3, todas seguidas de indicação alfabética.

Análise da entrevista 01

Para esta análise, partimos do conceito de Fairclough (2006), enquanto instrumento para justificar a prática discursiva associada à identidade, pois o discurso dá significado a um mundo de representações, muitas vezes particular, de forma introspectiva, que constrói uma realidade

O discurso contribui para a constituição de todas as dimensões da estrutura social que, direta ou indiretamente, moldam e o restringem: suas próprias normas e convenções, como também relações, identidades e instituições que lhe sejam subjacentes. O discurso é uma prática, não apenas de representação do mundo, mas de significado do mundo, constituindo e construindo um mundo em significado. (FAIRCLOUGH, 2006, pág. 91).

O primeiro sujeito entrevistado, uma mulher, moradora da região por mais de 12 (doze) anos, em uma das diversas atingidas pela cheia, revela que a catástrofe alterou drasticamente a sua rotina: *“Não pude mais trabalhar, perdi o emprego, tanto eu quanto meu marido, meus filhos pararam de estudar”*. Em meio à difícil situação em que se encontrava com sua família na época, deixou sua residência e foi viver na casa do genro.

NR1a: [...] aluguei um quarto do meu genro, morava na casa da minha filha, mas sendo alugado. Até porque até hoje eu estou devendo o aluguel, porque além do aluguel que eu pagava, era pra eu pagar água e luz também. É, colaborava lá com ele, aí perdi o emprego, ele queria alugar o quarto dele porque estava precisando, aí faz umas três semanas também que eu me mudei, porque eu não podia ficar “empatando” ele lá.

Bauman (2005) traz o conceito de fluído associado às mudanças das identidades, ao que não se pode manter e continuam em constante mudança.

E os “fluídos” são assim chamados porque não conseguem manter a forma por muito tempo e, a menos que sejam derramados num recipiente apertado, continuam mudando de forma sob a influência até mesmo das menores forças. Num ambiente fluído, não há como saber se o que nos espera é uma **enchente ou uma seca** (p. 57 - grifo nosso).

Mesmo recebendo auxílio do poder público, ela esclarece que foi muito difícil morar de “favor” na casa do genro, pois o dinheiro não era suficiente para suprir as necessidades de uma família. Sendo assim, como já não se sentia bem fora de seu lar, quando realizamos a entrevista, ela acabara de voltar o local onde se sentia segura, mesmo sem a autorização da defesa civil. A busca incessante por um local aconchegante, que suprisse as suas necessidades é maior do que qualquer receio perante os riscos de voltar ao local, improvisando instalações, colaborando com a limpeza e reestruturação da região por conta própria.

Sobre os questionamentos de alteração de identidade perante a um “deslocamento” ou uma mudança, o que mais ocorreu durante a cheia, alteração no cotidiano, Bauman (2005) argumenta que enquanto as pessoas se preocupam com o pertencimento será difícil fixar uma identidade.

Tornamo-nos conscientes de que o “pertencimento” e a “identidade” não têm a solidez de uma rocha, não são garantidos para toda a vida, são bastante negociáveis e revogáveis, e de que as decisões que o próprio indivíduo toma, os caminhos que percorre, a maneira como age – e a determinação de se manter firme a tudo isso – são fatores cruciais tanto para o “pertencimento” quanto para a “identidade”. Em outras palavras, a ideia de “ter uma identidade” não vai ocorrer às pessoas enquanto o “pertencimento” continuar sendo o seu destino, uma condição sem alternativa. Só começarão a ter essa ideia na forma de uma tarefa a ser realizada, e realizada vezes e vezes sem conta, e não de uma só tacada. (p. 17-18).

Quando perguntamos como ela se sentiu quando teve de deixar sua residência e ficando desempregada ao mesmo tempo, comenta:

NR1b: [...] eu me senti uma pessoa sem nada, entendeu? Sem nada. Eu passava dificuldade, minha filha mais meu marido, chegamos ao ponto de passar bastante

*fome porque perdemos o emprego. A gente foi lá pro Três e Meio e a gente passou muita necessidade. Perdemos todas nossas roupas, material de casa, aparelhos, televisão, cama, sofá, **tudo a gente perdeu. Tudo, tudo.** Hoje eu tenho uma cama aí porque foi um pessoal aí de fora que me doaram uma cama e um colchão. [grifo nosso]*

Recebendo as doações, por não ter condições de comprar e ainda não encontrando um emprego fixo, o seu discurso revela as marcas deixadas por quem se encontrou em situações de extrema dificuldade e sua integridade não permitiu que passasse por “humilhações”. Além ter de lidar com a dívida do aluguel do genro, a mesma não contou com o auxílio de cesta básica.

NR1c: *As cestas básicas eu ainda fui pegar, aí eu me achei... Tipo, humilhada, fui a primeira vez, até me mandaram eu sair de lá porque eu tava com muita malária. (...) Eu tirei as cestas básicas e vim embora. Aí depois, eu fui tirar outra cesta básica, aí o pessoal começa a falar muita besteira lá e eu não gosto. O tipo de pessoa que eu não gosto. [...] Mau atendimento, fui mal atendida. Nem sou eu como várias pessoas, tipo eu, a minha filha... A gente não pega cesta básica não. Eu me achei, eu falo mesmo, eu falei foi lá, achei que fui tratada mal.*

Percebe-se que há ênfase em alguns pontos do discurso da entrevistada, em todos os questionamentos, ela retoma sobre o seu desemprego, todo o sofrimento causado por dependência e atribui a um ser, uma força superior, ligado a sua religiosidade, o fato de uma possível melhora na sua condição de vida, por conseguir voltar ao local de onde partiu e por conseguir o seu sustento.

A questão do mau atendimento, bem como o fato de ter sido tratada mal, também se repetiu bastante em seu discurso, como consequência disso, ela sentiu-se humilhada, inferiorizada, constrangida pelo fato de depender economicamente de outras entidades e não ser capaz de prover seu próprio sustento e o da família. Em vários momentos, a enunciadora utiliza palavras e recursos discursivos que remetem a essa ideia do sentimento vivido.

NR1d: *E hoje em dia eu estou passando como Deus quer. Tem dia que tem, tem dia que não tem. No dia que a gente faz bico tem, no dia que não faz, não tem. E é isso*

mesmo. [...] Hoje graças a Deus estou recebendo esse dinheiro através da Defesa Civil que me ajudou, também, a buscar esse dinheiro.

Novamente, ao falar sobre sua origem percebe-se claramente a sua questão identitária, e ela revela que já percebe uma melhora significativa, alega também que se não encontra em um lugar melhor e, que será difícil tirá-la dali, porque é onde encontram suas raízes.

NR1e:*Até que hoje eu tô aqui em casa, graças a Deus, acho que estou melhor. Principalmente com essa ajuda que eu não sei se vai ser os seis meses mesmo que eles vão ajudar a gente, mas eu acho que sim, quer dizer que já dá de melhorar, já fez meu cadastro, pra ganhar minha casa, entendeu? Aí eu acho que pra mim está bem melhor, porque vocês sabem bem, que se botar no lugar de uma pessoa, você está na casa alheia, tipo de aluguel e não tem dinheiro pra pagar, como é que você vai se sentir? Muito com vergonha. Às vezes eu comia a comida da minha filha, do meu genro, ficava com vergonha depois.*

Trazendo as reflexões de Bauman (2005) para o contexto da pesquisa sobre as enchentes do Madeira, onde o indivíduo sofre com as transformações das identidades, revela como elas podem ser alteradas:

[...] “forças da globalização”. Elas transformam a ponto de tornarem irreconhecíveis, e sem aviso, as paisagens e perfis urbanos a nós familiares em que costumávamos lançar as âncoras de uma segurança duradoura e confiável. Elas realocam as pessoas e destroem as suas identidades sociais. Podem transformar-nos em, de um dia para outro, em vagabundos sem teto, endereço fixo ou identidade. Podem retirar os nossos registros de identidade ou invalidar as identidades registradas. (p. 100).

As entrevistas, pelo fato de produzirem discursos, apresentam revelações das memórias dos indivíduos. Dentro da Análise do Discurso “A memória, por sua vez, tem suas características em relação ao discurso. E, nessa perspectiva, ela é tratada como interdiscurso (ORLANDI, 1999, p. 31)”. Se a memória na A.D. é tratada como o que foi dito anteriormente, isso se dá ao fato dos sujeitos possuírem lembranças, por fazerem parte de um grupo ou de um acontecimento. Nesse sentido, Halbwachs (2003) complementa:

Assim, podemos chamar de lembranças muitas representações que, pelo menos parcialmente, se baseiam em testemunhos e

deduções – mas então, a parte do social, digamos, do histórico na memória que temos de nosso próprio passado, é bem maior do que podemos imaginar. (p. 91)

Seguindo este raciocínio, os sujeitos entrevistados, puderam pronunciar seu testemunho, expondo o acontecimento que fez parte de suas vidas, através de suas memórias individuais, mas que pertencem e se enquadram dentro das memórias coletivas. Através da AD, pode-se justificar a sua historicidade, que por sua vez está ligada a memória, revelando efeitos individuais às suas maneiras. Podemos perceber a questão da identidade em jogo e as marcas deixadas por esse fenômeno, sejam elas culturais, emocionais, físicas ou psíquicas.

Análise da entrevista 02

Moradora na região por mais de 18 anos, a entrevistada afirma que nunca se deparou com uma enchente de tal porte, relembra a cheia de 1997, mas alega que não chegou a deixar sua residência.

No excerto abaixo, o sujeito denuncia a falta de auxílio para sua família, bem como, o sentimento degradante de vivenciar o desabrigo.

NR2a- *Eles fizeram o cadastro e tudo, mas só que auxílio nenhum nós recebemos.*

Ah, eu me senti muito mal, coisa que nunca saímos [...] Então isso aí tudo, a gente se sente, bem dizer, humilhada pelo Órgão porque eles não tiraram nós daqui. Alguns eles tiraram e alguns não.

Podemos perceber nos discursos um sentimento de tristeza e de indignação em relação à situação vivenciada pelo sujeito. “As posições em contraste revelam lugares sócio ideológicos assumidos pelos sujeitos envolvidos, e a linguagem é a forma material de expressão desses lugares.” (FERNANDES, 2007, pág.18).

O sujeito mostra em seu discurso sua posição enquanto aquele que vivencia a situação, desta forma tem propriedade para descrever os transtornos. Ao afirmar que “*Eles falaram que tinha que ter autorização pra*

voltar, nós não voltamos com autorização nenhuma, voltamos por conta própria” manifesta sua autonomia para decidir sobre sua vida.

Segundo Orlandi (1999), “tudo que dizemos, pois, tem um traço ideológico. E isto não está na essência das palavras, mas na discursividade, isto é, na maneira como, no discurso, a ideologia produz seus efeitos, materializando-se nele (p.43)”.

NR2b-*Eles falaram que tinha que ter autorização pra voltar, nós não voltamos com autorização nenhuma, voltamos por conta própria. **Eu falei que eu saí por conta própria, voltei por conta própria. Que eu não tive ajuda de nada.***

Nesse contexto, o sujeito retoma o discurso que nem todos foram retirados do local onde viviam. Podemos subentender que a forma como o sujeito construiu seu discurso garante a força argumentativa para abordar o assunto. Já que ele foi um que saiu do local sem auxílio do poder público.

Análise da Entrevista 03

No excerto abaixo observamos que o entrevistado tem sua rotina fortemente transformada em decorrência da alteração do seu espaço.

NR3a-*O que mudou foi que a gente além de ter saído de casa... Aí as condições de moradia não são adequadas, a gente passa pelos constrangimentos, pelas humilhação, ter de se limitar a certas regras né, ter limite pra... No caso aqui a gente ... Não é que a gente somos limitados, mas aí o cotidiano que a gente tinha não é o mesmo, **a gente tem que se adaptar**, isso aí causa um constrangimento pra gente.*

Podemos observar que essa alteração modificou o seu cotidiano, e isso envolve toda a questão da identidade e pertencimento que o sujeito tem em relação ao seu local de origem. A frase “a gente tem que se adaptar”, serve para exemplificar essa situação. Através dela, podemos subentender que o cotidiano e as tarefas realizadas, no antigo local, pelo sujeito, foram alterados bruscamente.

Na próxima passagem, NR3b, podemos observar que as palavras do entrevistado mostram uma situação de desconforto, ou até mesmo um discurso de denúncia e insatisfação.

NR3b- A gente tem que se submeter a coisas que a gente dentro de casa não se submetia. Tipo... é como se a gente tivesse vivendo dentro de um condomínio, dentro de um **condomínio** que quem manda não é nem o síndico não, quem manda é um **ditador**, um Fidel Castro.

Nessa passagem, observa-se que o sujeito se sente em um local opressor. O uso da palavra “condomínio” deixa subentendido que ele vive em um local repleto de regras e deveres. Quando ele emprega a palavra “ditador”, é passada a ideia de uma relação mais forte de opressão, já que a palavra expressa totalitarismo. Para Fernandes (2007, p.19), “As escolhas lexicais e seu uso revelam a presença de ideologias que se opõem, revelando igualmente a presença de diferentes discursos, que, por sua vez, expressam a posição de grupos de sujeitos acerca de um mesmo tema.” Nesse caso, as palavras usadas ganham sentido e significado conforme o contexto em que foi inserido, ou seja, elas servem para intensificar a denúncia e a insatisfação.

No próximo excerto, o narrador demonstra novamente a questão do pertencimento em relação à moradia.

NR3c-(...) como sobreviver já que muda a rotina geral, tanto na parte de trabalho, no dia-a-dia, na dormida, que não tem costume de ir pra acampamento morar em **tenda**, eu não tenho costume de **acampamento**, **morar em lona**, provavelmente(...) **pra mim é uma mudança radical...**

Podemos perceber que o local de origem do entrevistado faz parte de sua identidade. A qual está ligada à questão da sua antiga rotina, seu trabalho, e até mesmo a maneira de dormir. Com o deslocamento sofrido, tudo isso foi tirado dele. “A identidade está vinculada também a condições sociais e materiais (WOODWARD, 2013, p. 14).” As condições materiais afloram o sentimento de pertencimento do sujeito, isso pode ser observado quando ele afirma que “eu não tenho costume de apartamento, **morar em lona (...), pra**

mim é uma mudança radical". A escolha lexical das palavras: "*tenda, acampamento e lona*" reforçando o transtorno vivenciado pelo sujeito e a ausência de sua zona de conforto. Para Bakhtin (2006, p.107) "o sentido da palavra é totalmente determinado por seu contexto." Dessa forma, as palavras reforçam a ideia de desconforto vivenciada pelo entrevistado.

Análise da entrevista 04

Na passagem abaixo, é possível identificar questões relacionadas à subjetividade, à identidade, e ao pertencimento do sujeito, além da presença de denúncia social relacionada à situação em que os desabrigados se encontram.

NR4a- *Em tudo, em tudo. De todas as formas... Trabalho, escola, tudo tudo tudo na vida da gente. Mudou tudo. Até na... Em...**Nem andar de cabeça erguida a gente num tá podendo andar ultimamente.** Porque a gente... Só de a gente tá aqui é uma vergonha, né, mana, **ter saído da nossa casa**, né, tá vivendo aqui hoje. Hoje roubaram o tablet da minha menina, que não tá nem com três mês de uso. Entendeu, a gente vive com pessoas que a gente não conhece, né... A gente não sabe quem são as pessoas que convive com a gente. Muitos são, né, viciado, né, e a gente que não convive no meio dessas coisa aí quando acontece uma coisa dessa com a gente a gente fica bolado, só que não tem pra onde correr... Se eu for ligar pra polícia, eles vão fazer o que? Nada. Se eu for na loja mandar bloquear não vai adiantar. Então agora eu vou pagar oitocento reais pelo uma coisa que eu não tô nem usando. E foi assim ó, pisquei, levaram... E agora eu tô, tava até falando pra ela que eu tô por entender. Não vi nem um rastro, nada que me explique. Nada, nada, nada, nada. Até os celular que tava junto com o tablet deixaram. Deixaram tudo, levaram só o tablet. Eu tô até agora sem entender. Tiraram tudo da gente, né, praticamente só não tiraram a vida da gente porque tamo aqui pra contar história, né... **A dignidade da gente foi embora.** Ah, tem nem explicação isso aí, ó... Tem nem... É muito ruim, ó. Eu quando eu saí da minha casa depois que o rio baixou eu fui lá, mas foi só uma vez eu não consegui voltar lá porque o sentimento, não tem? De chegar lá e olhar e ver que nada do que era da gente tá como antes, né. Hoje não consigo ir lá porque acabou tudo, o bairro afundou, não tem mais nada. Tem nada lá mais, nem nossa casa existe mais. É um problema, né, mana, a gente fica assim... As pessoas que tã aqui pra ajudar a*

*gente ainda fica jogando coisa na cara da gente. Não, vocês tem que fazer isso, tem que fazer aquilo porque vocês não tão na casa de vocês, não sei o que, tipo assim. A gente sai da nossa casa e ainda tá ouvindo, né, sofrendo **humilhação**, né, no dia-a-dia.*

A subjetividade, de acordo com Woodward (2013, p.55-56), “envolve os pensamentos e as emoções conscientes e inconscientes que constituem nossas concepções sobre “quem nós somos”“, e isso pode ser subentendido com a frase “*nem andar de cabeça erguida a gente num tá podendo andar ultimamente*”. Podemos perceber o efeito do deslocamento e como esse aflora na questão do pertencimento do sujeito em relação ao espaço, a exemplo a frase “*ter saído da nossa casa*”.

O sujeito relata um furto que sofreu, e denuncia a situação de abandono e insegurança em que os desabrigados se encontram. De acordo com Bauman (2005), “a questão da identidade também está ligada ao colapso do Estado de bem-estar social e ao posterior crescimento da sensação de insegurança” (p.11). O sujeito faz outra denúncia, desta vez em relação ao tratamento recebido no abrigo, afirmando sofrer humilhação.

NR4b- *É das usina. Eu moro lá na beira daquele Rio, eu tenho 25 anos, entendeu? Eu fui pra lá eu tinha dois ano de idade. Tava com 24 ano que eu morava lá. A idade das minhas irmã, as minhas irmã hoje tão com 25, mas quando elas chegaram elas tinha um ano de idade, né. **A gente nasceu e se criou ali, praticamente.** Eu brincava todos os dias na beira daquele rio. Sabia quando o rio baixava, quando ele ia encher, e do resto sabia ali... Depois que construíram aquelas usina ali, meu amigo... No ano passado, no mês de, de, agora no mês de novembro, ninguém quase num dormia, por causa da zoadá do rio que era muito forte, num tem, quando eles abriam as comporta, meu pai passava a noite todinha acordado, porque qualquer coisa ele chamava a gente, porque era muita criança lá dentro de casa, né. Então eu falo a verdade, eu creio que o que tá acontecendo hoje em dia, muita mudança, até no clima mesmo, já tava com dois anos que não chovia no mês de novembro. Eu presto atenção porque minha filha é de novembro, é do dia 28, então sempre no aniversário dela, assim, nunca chovia e esse ano é todo dia a chuva. Friagem você num via aqui em Porto Velho. Esse ano já foi três. Então como é que a gente fala que não é culpa deles? Mexeram com a Natureza, né, mano, mexeram com quem não era pra*

*mexer... E outra, eles dizem assim “ah, foi com consentimento do povo” **eles nunca foram na minha porta perguntar se eu consenti, eles fazer aquele trem ali pra tirar a gente dali**, né, nunca foram. Aí como é que agora eles querem dar uma de inocente, dizer que **não foi eles que tiraram a gente de dentro da nossa casa?** Não tem como.*

No excerto, NR4b, o narrador se posiciona quanto à questão da culpabilização da enchente, atribuindo à construção das usinas. Retornamos às questões de pertencimento e identidade. Ao analisar a frase “a gente nasceu e se criou ali, praticamente”, podemos perceber que a identidade do entrevistado está relacionada ao fato de ser ribeirinho, e que ele se identifica como tal. Dessa forma, a identidade do sujeito foi afetada pelo deslocamento sofrido.

É possível observar o peso semântico das palavras “nossa casa” na frase “foi eles que tiraram a gente de dentro da **nossa casa**”. Já na passagem “eles nunca foram na minha porta perguntar se eu consenti, eles fazer aquele trem ali pra tirar a gente dali”, é possível entender um discurso de denúncia social, acompanhado da indignação do sujeito com relação à situação.

NR4c- Não. Aqui nem médico num tem. Logo no começo tinha um médico, mas não resolvia nada. A gente precisa de um médico, alguma coisa, tem que levar lá no Ana Adelaide ou no Cosmo e Damião **e a gente tem que se virar**. Porque eles têm um carro aí, que diz que é da prefeitura, mas só leva, pra trazer num traz. Então se você for você tem que ficar por lá, né, mano, ou vir a pé, se num tiver dinheiro. Outro dia aconteceu uma situação assim aqui. Ela tava passando mal, dizendo que tava com falta de ar, com uma dor nos peito, eu queria levar ela pra bater um raio-x não tinha como levar. **Porque é só eu e ela... E Deus, né.** Nesse dia eu tava sem nem um centavo no bolso, nem pra pagar o ônibus. Aí disseram assim “eu levo, mas não posso ir buscar” eu falei então não tem condição, como é que eu vou ficar lá sozinha com a minha filha? E pra mim vir de lá a pé? É longe. E minha filha tá ruim, eu não vou poder andar de lá pra com ela quando ela sair do hospital. Ela não vai ficar boa em passe de mágica não, amado. Então a gente aqui dentro aqui, ó, a gente tem comida, né, tem água, né, filtrada, tudo bem, que a água do poço aqui é artesiano aí tem uns bebedor ali, mas a gente, até ali, meu pai é o que vai ligar e desligar a bomba todo dia, de manhã, tarde e noite, porque se ele não for não tem água. **Aí nós tamo aqui abandonado mermo.** Tem ninguém pra nós não, é só Deus, e nós mermo,

mais ninguém.

No excerto acima, NR4c, encontramos os discursos de denúncia social e de abandono. O sujeito relata uma situação de falta de transporte e atendimento médico. O sentimento de abandono é evidenciado quando o sujeito diz “a gente tem que se virar” e “aí nós tamo aqui abandonado mermo”. O sujeito também recorre ao discurso religioso, afirmando que “é só eu e ela... E Deus”.

NR4d- Médico não tem, né, aqui a única que eles tão dando auxílio pra nós é só na comida. E mesmo assim ainda regrada, tem dia que é só uma colher de arroz para cada, e um pedacinho de carne, porque se pegar mais um fica sem comer. É uma firma, né, que traz né, Aquarela, né. Eles traz, mas como diminuíram o tanto de família, eles diminuíram a comida, né. Só que tem vez que eles esquecem até de trazer a comida. Eles vêm, às vezes não traz assim, porque sempre vem dindin, né, assim, sobremesa, nem isso eles não trazem. Às vezes não tem salada. Tem vez eles trazem só uma caçapinha de arroz que não dá nem pra quem quer, já chegou dia de ficar gente aí reclamando porque não comeu. **É chato, mano, a gente não tá na casa da gente.** (...) Olha, tem café da manhã, né, tem almoço e tem a janta. Só que, mano, vou falar a verdade, é uma comida boa, assim, **eu agradeço a Deus todo dia pelo alimento que ele me dá**, mas só que a gente sabe que tudo que dá demais enjoa, né, e é todo dia a merma coisa.

No enunciado, NR4d, está subentendida a questão do pertencimento do sujeito, outra vez relacionado à moradia, quando ele demonstra desconforto em não estar em casa “É chato, mano, a gente não tá na casa da gente”.

Na passagem seguinte, NR4e, o sujeito utiliza o discurso religioso para encontrar coragem e superar as dificuldades.

NR4e- Então... É... Mano, dignidade zero. Viver mermo... Só na fé mermo. A gente já vive assim noite e dia assim, já desiludido da vida, não sabe o que vai acontecer com a gente. Ainda vem e acontece uma coisa dessa aí, ó... Eu parei até de sair, entendeu? Depois que eu comprei esse tablet pra ela, eu parei de sair por causa que eu sabia que iam levar. Mas **foi um descuido**, eu fui buscar o meu almoço, quando voltei não tava.

O sujeito afirma que “viver mermo... só na fé mermo”, podemos perceber que o discurso religioso é uma forma de encontrar conforto para enfrentar a situação.

NR4f- *Estuda de manhã. E até isso aí é uma guerra, porque tem dia que tem carro pra levar, tem dia que não tem. Estuda lá no Carlos Aluizio, antigo Grangeiro. Lá no Triângulo, perto da SEDAM. É longe... **Só tenho ela, graças a Deus.** Agora eu tava falando pra menina “mano, se o Diabo quiser levar minha barraca todinha ele pode levar, ele deixando minha vida e a vida da minha filha, eu tô muito bem” Porque todo o que eu tinha que perder eu já perdi mermo. Né, pra mim não faz falta. Então é uma coisa que a gente perde e no outro dia a gente pode conquistar de volta. A única que eu não quero perder é só a minha filha, mas o resto... **Perdi minha casa mermo.***

Nesta passagem, NR4f, o sujeito se posiciona de forma diferente: como mãe. O sujeito afirma que já perdeu tudo, e que o que importa é a sua vida e a de sua filha, trazendo também o discurso religioso à tona no trecho “*só tenho ela, graças a Deus*”. Também se observa o pertencimento do sujeito relacionado à moradia no trecho “*perdi minha casa mermo*”, a qual seria, depois da vida de sua filha, o mais importante para ela, já que constitui sua identidade.

NR4g- *Olha, lá, assim, eu trabalhava assim muito de fazer faxina, né, na casa dos outro, né... Eu e minha mãe. Eu mexo muito com crochê, né, faço crochê, faço coisa pra vender, né... Agora tava até falando pra menina que eu tava fazendo uma, uns bordado ali que foi na hora que eu terminei que eu saí que levaram o tablet. (Risadas) Eu falei “mano, uma desilusão doida, né?!” (Risadas) Tá fazendo obra pra ver se a gente levanta, o inimigo vem e joga a gente lá no chão de novo. Taca a cara da gente no chão. Aí... Era assim que eu vivia lá em casa, fazia minhas coisinha, vendia também. Fazia tapete pra vender. Mas como a gente era muito dentro de casa, né, meu cunhado trabalhava de carteira assinada, né, marido da minha irmã. Tinha uma cunhada minha também que trabalhava também, mulher do meu irmão, meu irmão também trabalhava. Todo mundo ajudava um ao outro, né, assim, né. Às vezes a gente fazia um rancho, botava dentro de casa, né, na cozinha da minha mãe. Minha mãe fazia almoço e janta pra todo mundo. **Todo mundo comia. Quando passava fome, passava fome todo mundo junto. O importante era que as criança***

comesse, o resto não tinha problema, né! E eu já cheguei a passar fome o dia todinho, com fome. Mas o importante é que minha filha comesse. Mas aqui, depois que a gente veio pra cá, a gente passa fome se quiser, porque tem comida, né, mano, só que o ruim é a **humilhação** que a gente passa, né... (...) E aí a gente compra comida e falta produto de higiene, produto de limpeza que eles não dão. Se você quiser levar um papel higiênico pra ir no banheiro você tem que comprar. Né... É difícil mermo... Aqui, mano. Tá vivo só pela Graça do Senhor mermo porque de noite a gente quase num dorme, com medo, né. Uma vez quando a gente chegou o pessoal fazia era rasgar com a faca as barraca de noite. A gente tinha era medo, de noite ninguém dormia com medo. Por isso que a gente ficou assim um pertinho do outro, né, família, pra poder, né, um ficar de olho no... Eu, só eu e a minha filha aqui. E Deus. (...) **Você diz que isso aí é uma vida pra qualquer um. Não tem policiamento mais, o pessoal que tinha aqui foram embora. O Corpo de Bombeiro que sempre ficava aqui não tem mais. Pessoal da Defesa Civil que tem, eu não sei nem como, eu nem onde é que anda. Coronel vem aqui uma vez na vida outra na morte. Só traz os presidiário pra limpar tudo aí vão embora de tarde, e não aparecem mais.**

No excerto, NR4g, acima, o sujeito descreve como vivia, e relata a vida em família, ressaltando a importância da moradia em relação ao pertencimento. Na passagem “*Todo mundo comia. Quando passava fome, passava fome todo mundo junto. O importante era que as criança comesse o resto não tinha problema, né!*”, é possível perceber que a união familiar era importante para o sujeito e, agora se encontra desestruturada. Também está presente o discurso da denúncia social e do medo, em que os desabrigados se encontram, devido à falta de proteção, além de estar subentendida a situação de abandono pelo Poder Público.

Durante toda a passagem, é possível observar o fenômeno polifônico na voz do sujeito, que de acordo com Fernandes (2007), se trata de “vozes, oriundas de diferentes espaços sociais e diferentes discursos, constitutivas do sujeito discursivo (p.45)”. O sujeito ora se posiciona como mãe, ora como filha, e ora como desabrigada. E cada um desses discursos é permeado por relatos distintos. As diversas vozes contidas no texto, marca a presença da polifonia o que ressalta a característica dialógica no enunciado. Já que ao empregar esse

recurso o sujeito implicitamente menciona as várias vozes com que dialoga: a de mãe, a de filha e a de desabrigada.

Análise da entrevista 05

Na passagem abaixo é possível perceber questões relacionadas ao pertencimento do sujeito e a existência de um discurso religioso.

NR5a- (...) *Mas, tamo lutando, né?! Pra ver se nós sai. Aí, nós tamo aqui, aqui... Tem época que foi difícil, né?! Calor demais, né, mas nós tivemos, aí, assistência de médico, eles tem as pessoas que ficam aí, assistência social, psicóloga, e... Tem enfermeira direto, e um... E nós recebe alimentação, café da manhã, almoço, janta, vem pela, pela uma firma, né, de alimentação. **Não é lá essas coisas porque o bom é a casa da gente, né?! Mas, melhor do que nada, e a nossa esperança é que melhore e nós saia logo daqui, nós gostaria de sair antes do natal, mas acho que não vai ser possível. Então não sei, Deus é que sabe, né, aí é o que eu tenho a dizer, a “caloria” é muita que nós sabemos que Rondônia já é quente, né. Rondônia não tem nem como a gente falar que a gente não sofre, até dentro de uma casa de alvenaria se não tiver um ar, um ventilador bom, a gente sofre, quanto mais em baixo de uma lona, né.***

Quando o sujeito afirma que “*não é lá essas coisas porque o bom é a casa da gente*” é possível perceber que seu pertencimento está relacionado à sua moradia, e que isso se perdeu pelo deslocamento sofrido. Há também a presença do discurso religioso na frase “*não sei, Deus é que sabe*”. O sujeito demonstra esperar que Deus resolva os seus problemas no tempo correto quando fala “*não, sei, Deus é que sabe*”

NR5b- *Isso aí também eu não posso dizer que o governo é culpado, que o prefeito é culpado, por causa que ninguém pode lutar contra as coisas de Deus, não foi o homem que encheu o rio, né, foi porque aconteceu, porque Deus quis que acontecesse tudo nesse mundo tem exemplo das coisas, né. Os sinais do tempo tão se cumprindo das profecias, e **a gente tem que aceitar aquilo que Deus manda, né, não podemos lutar contra a vontade de Deus.** Então eu não culpo ninguém, eu tô aqui, tô esperando que eles tenham misericórdia e tire nós daqui. É só. Não*

posso...Eu não atribuo a culpa da enchente do Madeira a ninguém. Porque eu tenho quase certeza... Que **quando acontece uma coisa é porque Deus permite**. Né... O povo fala que é a usina, que é isso, que é aquilo, mas eu não creio que é. Por que se fosse a usina tava direto, não tinha baixado, né, já tava enchendo de novo. Mas não tá. Aí os outros fala “é a geleira de não sei de aonde”, nada disso. É quando Deus quer o homem não pode assim, é, adivinhar as coisas de Deus, o homem quer ser mais do que Deus. Quando o homem quer adivinhar o pensamento de Deus, ele muda a rota de tudo, né?! Então, eu acho assim nada a ver com usina, nada não, eu acho que o problema dessa enchente todinha é que **Deus mandou muita água mesmo nas cabeceira dos rio** e aqui mesmo em Porto Velho choveu muito, muito, muito mermo, que tinha dia que passava o dia e a noite chovendo. Né?! Aí os rio vai enchendo, tem água por tudo quanto é rio e despeja no Madeirão... Não tem como.

Na sequência de frases destacadas, está presente outra vez o discurso religioso, e a reafirmação da espera que Deus resolva os problemas no tempo certo, acompanhada ideia de conformidade com a situação, ou, ao menos, o desejo de conformidade, o que pode ser subentendido nas frases “a gente tem que **aceitar o que Deus manda**” e “**não podemos lutar contra a vontade de Deus**”.

O sujeito também atribui a uma figura religiosa superior a causa da cheia, afirmando que “quando acontece uma coisa, é porque Deus permite” e que “Deus mandou muita água mesmo nas cabeceira dos rio”.

Podemos considerar a recorrência ao discurso religioso como uma tentativa de conforto diante da situação que o sujeito vivencia e ainda, como uma tentativa de superação, de afirmação constante para que a consciência realmente compreenda que esta deve ser uma situação em que não há espaço para revolta, mas deve haver uma conformação. No entanto, logo, o sujeito também produz um discurso de denúncia e revolta. Dessa forma, podemos entender que, o discurso de conformidade é na verdade uma tentativa do sujeito de criar estratégias de enfrentamento, porém, em sua prática discursiva relevada, a revolta está presente.

No fragmento a seguir, **NR5c**, é possível identificar os discursos de denúncia social e religioso.

NR5c- *O que eu penso do auxílio do Poder Público, eles fizeram muitas coisa boa, mas quem mandou, quem podia fazer, **os maiores que fizeram, chegou aqui os menores engoliu**. Num chegou até a nós. Né... O problema é esse, porque a nossa presidenta mandou dinheiro, recurso que dava pra nós tudo dessa situação, mas não chegou até nós, então. Né... O Governador também, ele decretou recurso pra tirar nós dessa situação, mas nós não viu nada. Nós vê muitas adoções, mas nós não vimo nada. Então... A gente que é... Que nem o povo fala “corda arrebenta do **lado mais fraco**”, o **lado mais fraco** somos nós. Por que nós num... Não tem como a gente brigar por uma coisa que a gente, não tá na mão da gente. Né... Então fica assim. Cada um, cada um por si, Deus por todos. O que eu tenho a dizer é só que a gente... O que resta com a gente é que a gente é fica magoado, fica sentido. E só...*

Ao afirmar que “os maiores que fizeram, chegou aqui os menores engoliu” e “não chegou até nós” nos remete ao “já dito” que segundo Foucault (1999, p.22), “são os discursos que, indefinidamente, para além de sua formulação, são ditos, permanecem ditos e estão ainda por dizer” Assim, o sujeito perpetua um sistema de hierarquia social organizado de acordo com o poder aquisitivo que os cidadãos possuem, e com isso as representações de “lado mais fraco ou mais forte”.

NR5d- *Antes? Antes de eu morar lá? Eu morava no interior. Aí eu consegui um dinheirinho e comprei a nossa casa lá, povo dizia que nunca enchia. Realmente, nunca encheu. Tem pessoas que tinha mais de 60 anos ali na beirada e nunca viu enchente. Mas tudo acontece que nem eu tô falando, o dia que Deus quer, pode ter cem anos, um dia acontece. (...) **Fazer o que, né?!***

Novamente, é possível perceber, no excerto, **NR5d**, o discurso religioso que pode ser subentendido como uma estratégia de enfrentamento em relação aos transtornos causados pela cheia.

Análise da entrevista 06

O excerto abaixo é permeado por questões como: pertencimento e o subjetivismo.

NR6a- *Faz tempo que eu morava lá, que lá era a casa da minha mãe. Aí nós morava lá. Ó onde nós viemo parar. Sair de **casa** pra vir pra esse lugar aqui onde a gente vive debaixo de uma **barraca dessa, num calor desse...** Fora que, **aqui não dá pra viver...** Com essas crianças... Tenho 4 filho.*

As questões relacionadas ao pertencimento e ao subjetivismo podem ser verificadas ao observar a escolha lexical empregada para descrever o ambiente em que vivia, e a distinção entre elas: casa, que remete a um “porto seguro”, o lar do sujeito, que foi tirado da sua zona de conforto e sofreu um deslocamento, que ocorreu por conta das “forças da globalização”, citadas por Bauman (2005). Essas “forças da globalização” “tornam irreconhecíveis as paisagens e perfis urbanos a nós familiares em que costumávamos lançar as âncoras de uma segurança duradoura e confiável” (Bauman, 2005, p.100). O sujeito agora vive em “*uma barraca dessa, num calor desse*”, e também expressa sua insatisfação com a atual qualidade de vida ao afirmar que “aqui não dá pra viver”.

NR5b-*Ele (filho) é o mais novo. Os três estudam. Tamo aqui esperando pra ver o que vão fazer com nós, né. O tal do Auxílio Aluguel? Eu não posso falar nada porque eu não recebo nenhum desses. Não. De nada. Tem muita gente aí que fez e disse que fizesse tinha que sair, né, eu não ia sair pra um aluguel onde eu não ia conseguir uma casa pra morar de aluguel com tanto menino assim. Porque **é difícil as pessoas querer alugar casa pra quem tem muito filho.***

No fragmento, **NR5b**, é possível observar a presença do interdiscurso, que segundo Fernandes (2007, p. 64) “é a presença de diferentes discursos, oriundos de diferentes momentos na história e de diferentes lugares sociais”. Através da repetição de um possível já dito, que segundo Orlandi (1999, p.32) “é fundamental para se compreender o funcionamento do discurso, sua relação com os sujeitos e com a ideologia.” Por fim a ideologia é “uma concepção de mundo de determinado grupo social em uma circunstância histórica (FERNANDES, 2007, p.28)”.

Uma característica do discurso é a polifonia, presente no discurso acima, e que “refere-se às diversas formas de presença no discurso das diferentes

vozes constitutivas do sujeito” (FERNANDES, 2007, p.45). O sujeito reproduz um já dito ao afirmar que “*é difícil às pessoas querer alugar casa pra quem tem muito filho*”. É possível perceber a existência dessas características no discurso, pois há a reprodução de uma ideologia, a de que não se alugam casas para quem possui muitos filhos, e a presença de várias vozes no enunciado do sujeito.

NR5c-Ai... *Eu nem sei mais o que falar desse negócio dessa cheia... Uns falam que é por causa da tal da, da Usina lá, né... Eu... Eu sei que eu fui afetada pela cheia, que a minha casa até caiu. Eu voltei lá e tinha caído a casa, aí as madeira que tinha de telha o pessoal roubaram tudo, levaram tudo, só ficou no lugar da casa uma partezinha de alvenaria atrás. Aí não tem como voltar mais pra lá. Elas foram aí também lá, o pessoal da Defesa Civil.*

Nesta passagem, NR5c, o sujeito demonstra um sentimento de saturação quanto à questão da cheia, que se dá devido aos constantes questionamentos estão e à estagnação da situação em que vive. O pertencimento do sujeito está relacionado à sua moradia, que foi derrubada pela enchente, e à qual não se pode mais retornar.

No excerto “Ai... *Eu nem sei mais o que falar desse negócio dessa cheia... Uns falam que é por causa da tal da, da Usina lá, né... Eu... Eu sei que eu fui afetada pela cheia*”. É possível perceber que o sujeito parece não estar preocupado em apontar um culpado pela enchente, mas mostrar que foi afetado e que continua sofrendo as consequências do acontecimento.

Análise da entrevista 07

No excerto abaixo, **NR7a**, é possível notar a questão da identidade em relação à moradia e ao cotidiano do sujeito. Podemos perceber o sentimento de pertencimento do sujeito discursivo em relação ao local que morava, pois era onde ele trabalhava, conseguia comida e tinha um mínimo de conforto.

NR7a- (...) *Tipo a gente morava lá há muito tempo, (...) Se criemo lá pescando e tudo, hoje em dia a gente não pode pescar, os peixes não tem mais né....*

Para Hall (2011, p. 13), “a identidade é formada na relação entre o eu e o seu exterior”, desse modo, o ambiente, os costumes e os indivíduos ao seu redor, são decisivos na constituição da identidade, e isso foi fortemente afetado em decorrência do deslocamento que foi imposto ao sujeito.

Na passagem abaixo, **NR7b**, podemos apreender o discurso de denúncia quanto à influencia das usinas na cheia histórica do rio Madeira.

NR7b- (...) *Devido a usina vim pra cá foi que foi começando a ter essas coisas, tipo... começar a desbarrancar, alagar, as pessoas, as famílias se separar, tipo se fosse uma destruição entendeu? Começou a danificar muitas coisas tipo não só na natureza como na vida da gente também né, pessoal, família, separação de marido e mulher, filhos, tudo isso foi uma questão muito problemática para nós né...*

É possível observar que o sujeito discursivo atribui às construções das usinas no rio Madeira a cheia deste. Ainda nesse excerto, notamos a subjetividade permeando a fala do sujeito. Para Woodward (2013), a subjetividade compreende os pensamentos e emoções que o indivíduo tem a respeito de si mesmo e de seus sentimentos mais íntimos. Podemos observar essa subjetividade quando o sujeito constata que a cheia trouxe consequências não somente materiais, mas também pessoais e sentimentais, quando ele fala sobre a desestruturação da família. O uso do vocábulo *destruição* evidencia essa subjetividade.

No excerto abaixo, **NR7c**, percebe-se o discurso de insatisfação quanto à ajuda oferecida aos afetados pela cheia.

NR7c- *Na custa daqui de ajuda aqui, pelo menos a comida né, o café da manhã a gente tem sim, agora a questão de médico, não tem médico né (...), não tem assim... segurança, não tem segurança aqui, entendeu, então é complicado a gente ficar ameaçado da população né, tipo de dessas pessoas ruins né, a gente não sabe, uma hora a gente ta aqui pode chegar uma outra pessoa e fazer qualquer coisa né, sem a gente ter como se proteger. Então a gente não tem ajuda de nada...*

No excerto **NR7c**, podemos apreender dois tipos de discurso: o de denúncia e do medo. O sujeito discursivo faz uma denúncia quanto ao trabalho do poder público. É relatada sua insatisfação quanto à saúde e a segurança dele e de sua família. É possível observar também o discurso do medo quando

ele diz que se sente ameaçado pela própria população, alegando ainda que não tem como se proteger, caso algo aconteça.

Em alguns trechos da entrevista, podemos encontrar de forma subentendida, a legitimação da figura do colonizador e consequentemente do colonizado.

NR7d:*(...) Nós não fizemos e nós fica a mercê deles assim né, a gente fica esperando a boa vontade deles, a decisão deles, eles não falam nada, só entra, entra e vai, a gente pensa que a gente não somos nada, normal...*

Inconscientemente, o sujeito discursivo cria e legitima a imagem de um colonizador e consequentemente a sua situação de subordinação e dependência quanto a ele. De acordo com Fairclough (2008), “O discurso como prática política estabelece, mantém e transforma as relações de poder e as entidades coletivas (classes, blocos, comunidades, grupos) entre as quais existem relações de poder (p. 95)”. Sendo assim, o sujeito se coloca em uma posição de inferioridade, mesmo que seja inconsciente, de colonizado. Os vocábulos “*fica a mercê deles; vontade deles; não somos nada*” servem para exemplificar a relação de poder entre o sujeito afetado pela cheia e o poder público.

No próximo excerto, **NR7e**, também de forma subentendida, é percebido a criação da imagem fragilizada da mulher.

NR7e- *(...) e devido aqui ser um lugar muito perigoso, elas são mulher né, são 2 homens e 2 mulher, então eu deixo na casa da mãe pra evitar alguma coisa, tipo de agressão física ela contra as meninas entendeu, que são novinhas, e coisas assim muitas já aconteceram aqui dentro... (grifo meu)*

Possenti (1995) discorre sobre “as ocorrências de enunciados de ampla circulação, digamos, os lugares-comuns, as verdades aceitas por todos, que permeiam os discursos mais variados (p.48)”. Em seu discurso podemos entender que a mulher é um ser frágil e que precisa de atenção e até mesmo segurança específica.

O discurso religioso é recorrente na entrevista, o que pode ser interpretado como forma de apaziguamento da situação e até mesmo como

esperança para resolver os problemas pelos quais estão passando. Podemos ver isso no seguinte excerto:

NR7f- (...) *a gente não pode nem fazer mais nada tipo é só aqui é só esperar dar vontade de Deus mesmo (...), a gente fica esperando, só a vontade de Deus mesmo, só Deus pra resolver nossas causas.*

De acordo com Orlandi (1987), o discurso religioso tem como característica Deus assumir o papel do locutor, e este ter domínio sobre os seres humanos, isso pode ser percebido na fala do sujeito já que ele repete constantemente a frase “a vontade de Deus”.

Análise da entrevista 08

Na passagem seguinte o sujeito expressa como foi a experiência de ter que sair de sua casa devido a cheia histórica do rio Madeira:

NR8a- (...) *foi uma situação **muíto barbara** né, a gente nas carreiras né, por causa a gente tinha criança dentro de casa, a gente saiu assim **ascarreirado** de noite já, porque se não era arriscado acontecer até uma **morte** né das crianças né, afogado. Ai a gente saiu assim ascarreirado e é porque eu fui pedir ajuda da defesa civil né, que tava lá pra baixo tirando o pessoal já se afogando (...)*

No trecho, **NR8a**, é possível perceber o quão impactante foi à catástrofe para a narradora, isso pode ser visto no uso das palavras destacadas: “*muíto bárbara, ascarreirado, morte*” que servem para intensificar a situação de desespero e medo. A questão de sentido também pode ser abordada nesse trecho. Segundo Fernandes (2007)

Integrante da noção de discurso, encontra-se a noção de **sentido** compreendida como um **efeito de sentidos** entre sujeitos em interlocução (sujeitos se manifestando por meio do uso da linguagem) (grifo do autor) (p.19).

O sujeito manifesta seus sentimentos em relação ao acontecimento, e a escolha lexical, com os seus significados, auxilia nessa manifestação.

No próximo excerto, **NR8b**, observamos a questão da subjetividade que manifesta no sujeito devido à situação que é submetida:

NR8b- (...) *ai eu pedi ajuda, pedi pelo amor de Deus que ele não deixasse nós né, que tinha muita criança lá na minha casa né. Ai eu não pensei em mim, pensei nos meus netos...*

A subjetividade está permeada neste trecho, isso pode ser exemplificado em relação à preocupação do sujeito com a segurança de seus netos e demais crianças. A subjetividade envolve as emoções e sentimentos pessoais do eu, de forma consciente e até mesmo inconsciente (WOODWARD, 2013, p.55). Ainda nesse excerto, podemos observar a presença do discurso religioso, quando o sujeito comenta “*pedi pelo amor de Deus que ele não deixasse nós...*”, que pode ser entendido como um pedido de clemência para os transtornos vivenciados.

Na passagem a seguir, **NR8C**, é relatada a questão do desconforto gerado em relação ao deslocamento que o sujeito foi submetido.

NR8c-*Passemo 4 mês lá no centro do menor, mas... ave-maria era um inferno lá, que os alunos né, tinha que estudar de manhã e de tarde não tem, aquela zuada e jogavam bola e batia nas coisas... ave-maria eu fui operada da vesícula... mana de Deus, foi o maior sufoca na vida, foi pior de que quando nos saimo de dentro de casa. Aí até que nos viemo pra cá, aí aqui nos tamo nessa situação.*

Podemos perceber que o deslocamento sofrido além de ter afetado a rotina do sujeito em relação a trabalho e tarefas diárias, retirou dele sua zona de conforto, onde tinha o mínimo de tranquilidade e não passava por tantas situações de estresse. Isso pode ser exemplificado quando ele afirma: “*ave-maria era um inferno lá, que os alunos né, tinha que estudar de manhã e de tarde não tem, aquela zuada e jogavam bola e batia nas coisas...*”.

A seguir, é observada a questão da atribuição da responsabilidade da cheia do rio Madeira. Vejamos:

NR8d- *Ah! Ao pessoal da... a usina né! Porque o povo da usina que é culpado né... porque invés deles fazerem a usina abaixo da cidade, fizeram a usina abaixo da cidade né, porque acontecia alagação mas não pra tirar ninguém de suas casas né. Nunca aconteceu isso.*

O sujeito atribui às usinas do rio Madeira a responsabilidade pela cheia atípica na região. É possível compreender em seu discurso, características de muitos outros discursos acerca desse tema. Podemos relacionar o seu discurso: *“porque invés deles fazerem a usina abaixo da cidade fizeram a usina acima da cidade né...”* com o de outro entrevistado, onde ele diz que: *“devido a ela (usina) ta represando água né, claro que aumenta o volume de água...”*. “As transformações sofridas nas condições sociais manifestam-se nas produções discursivas, sempre marcadas pelo entrecruzamento de discurso e acontecimentos anteriores” (FERNANDES, 2007, p. 44). Nos dois discursos percebemos, de forma subentendida, que os sujeitos atribuem o fato da construção da usina de acumular água e conseqüentemente alagar as regiões próximas.

No próximo excerto, **NR8e**, o sujeito demonstra através de seu discurso, como o deslocamento sofrido afetou sua vida. Em termos de identidade, pertencimento e até moralmente.

NR8e- (...) já vai fazer ano que nós tamo aqui nesse abrigo... passando **humilhação** que nem tu ver aí. É que é a vida da gente aqui né, é um desastre... ainda tem gente que... as autoridades ainda abre a boca e diz que nos tamo aqui porque nós quer (...) tu acha que é porque nós quer? Né? (...) não é porque nós quer (...) a gente é **humilhada** por todos e por tudo.

As palavras nesse excerto são permeadas pela subjetividade. Podemos observar que a nova rotina por que passa o sujeito lhe traz sentimentos de constrangimento, humilhação e desconforto. Segundo Woodward (2013) “É por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentido à nossa experiência e àquilo que somos (p. 18)”. Isso pode ser observado nas frases destacadas: *“passando humilhação; é um desastre; a gente é humilhada”*, em que o sujeito usa para atribuir sentido e significado à sua situação.

No trecho abaixo, **NR8f**, a narradora faz uma espécie de comparação quanto à questão da segurança.

NR8f- (...)e tu vê que a gente não tem segurança nenhuma aqui né, vem um temporal

na casa da gente já é difícil né, quanto mais aqui. Ainda hoje mesmo minha filha foi... levaram o coisa dela lá dentro da cabana dela, enquanto ela não veio aqui e voltou... não pode... a gente não tem segurança de nada...

Essa comparação: “vem um temporal na casa da gente já é difícil né, quanto mais aqui”; deixa subentendido um sentimento de fragilidade, ou desconfiança, na segurança de seu abrigo em relação à sua casa. Segundo Orlandi (2005, p.82), “o subentendido depende do contexto. Não pode ser asseverado como necessariamente ligado ao dito”. Podemos observar que sua antiga residência lhe proporcionava maior segurança e conforto.

O sujeito em vários momentos, marca a presença do discurso religioso, isso pode ser visto na seguinte passagem:

NR8f- *A gente ta aqui... só Deus mesmo, só Deus pra livrar a gente das coisas que não provêm de Deus.*

O discurso religioso é frequentemente utilizado como um suporte para as vítimas desse acontecimento. Nesses discursos, podemos observar um sentimento de esperança e confiança em sua divindade.

Análise de excertos midiáticos

Foram analisados seis textos midiáticos, retirados dos sites: G1 RO, Carta Capital, Agência Brasil, Folha de S. Paulo e O Globo. Para que possamos discorrer sobre os textos adotaremos as siglas TM1, TM2, TM3, TM4 TM5 e TM6, seguida de indicação alfabética para os excertos dos textos publicados na mídia.

O primeiro texto midiático foi retirado do site G1 RO, no ápice da cheia do Madeira, em fevereiro, tratando-se do Decreto nº 13.420, de 27 de fevereiro de 2014, de calamidade pública, assinado pelo prefeito de Porto Velho¹. A ação

¹ASSEM, Neto. Porto Velho decreta calamidade pública por cheia histórica do Rio Madeira. G1 RO, Rondônia, 27 fev. 2014. Disponível em: <<http://g1.globo.com/ro/rondonia/noticia/2014/02/porto-velho-decreta-calamidade-publica-por-cheia-historica-do-madeira.html>>. Acesso em: 23 dez. 2014.

tinha o objetivo de apaziguar a situação que causou transtornos sociais e econômicos em todo o Estado. Essa situação pode ser subentendida como o discurso político, ou seja, a “promessa política”, a fim de criar um elo entre o poder público e as comunidades afetadas. No excerto abaixo, é possível identificar um discurso de insegurança que parte do prefeito:

TM1a- *Sinceramente, não acredito em estabilidade no nível do Rio Madeira antes desta data”, disse o prefeito de Porto Velho, que prevê um impacto negativo na arrecadação própria do município para até o fim do ano.*

Nas afirmações “*não acredito em estabilidade no nível do Rio Madeira antes desta data*” e “*o prefeito de Porto Velho, que prevê um impacto negativo na arrecadação própria do município para até o fim do ano*”, é possível observar um discurso de insegurança e pessimismo nas declarações do prefeito do município, relacionado à instabilidade das condições do rio Madeira durante o mês de fevereiro e às previsões com relação ao saldo de arrecadação própria municipal.

O segundo texto “Cheia do Rio Madeira não está relacionada às hidrelétricas, garante CPRM”², escrito por Sabrina Craide, podemos perceber que o discurso da jornalista ora apoia-se “na avaliação do Serviço Geológico do Brasil (CPRM), e nas afirmações do diretor de Hidrologia e Gestão Territorial do CPRM, Thales Sampaio”, ora no Movimento dos Atingidos por Barragens. O que nos leva a interpretar como uma maneira de demonstrar os diversos discursos que surgiram sobre o assunto.

Sargentini (1994) discorre sobre o discurso jornalístico: “Na verdade o jornal é formado de uma heterogeneidade de tipos. Sendo assim, admitimos que a característica do discurso jornalístico é ser composto de todos os tipos de discurso que ele veicula (p.143).” . O interdiscurso pode ser representado nas várias posições dos sujeitos que discutem o mesmo tema.

Durante os meses de fevereiro e março, foi possível observar essa heterogeneidade no discurso jornalístico, tendo em vista os discursos distintos

² Disponível em <http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2014-02/Cheia%20do%20Rio%20Madeira%20n%C3%A3o%20est%C3%A1%20relacionada%20%C3%A0s%20hidrel%C3%A9tricas,%20garante%20CPRM>

a respeito da culpabilização da enchente do Madeira, como podemos perceber, nos excertos a seguir:

TM2a- Segundo o diretor da CPRM, o que está causando a cheia no Rio Madeira é o excesso de chuvas na Bolívia, onde ficam as cabeceiras do rio. “Choveu acima da média desde outubro na Bolívia, especialmente em janeiro e fevereiro”, diz o diretor. Segundo ele, esta é a maior cheia do Rio Madeira dos últimos 47 anos, desde que o nível do rio é medido. “É também a maior cheia de que temos notícia, deve ser de mais de 100 anos”.

TM2b- O Movimento dos Atingidos por Barragens relaciona a cheia do Madeira com a operação das usinas hidrelétricas. “É impossível não ter influência, porque a barragem é feita para barrar a água, e temos duas barragens enormes aqui”, disse João Dutra, que é militante do movimento em Rondônia.

Em uma notícia apenas, foi possível observar dois posicionamentos distintos e contrários; enquanto o diretor da CRPM responsabiliza as chuvas na Bolívia pela enchente do Madeira; o representante do Movimento dos Atingidos por Barragens, afirma que a intervenção das usinas hidrelétricas tem influência. Há, no discurso, a presença da heterogeneidade constitutiva, a qual é definida por Maingueneau (1998, p. 79) como “o discurso dominado pelo interdiscurso. Assim, o discurso é não apenas um espaço onde vem se introduzir o discurso do outro, ele é constituído através de um debate com alteridade(...)”.

O excerto a seguir tem o título “Dilma defende usinas e culpa rios da Bolívia por cheia do Madeira³”. O discurso da presidente é apoiado na fábula do “Lobo e o cordeiro, de La Fontaine”.

As fábulas são narrativas curtas, com personagens animais que agem como pessoas, e serve para explicar um princípio moral. A fábula do Lobo e o cordeiro têm como o discurso que o mais forte tem sempre motivo melhor.

Ao recorrer à fábula, para tratar o assunto sobre quem é o responsável pela cheia, a presidente, como locutor, livra-se da responsabilidade única por suas palavras. Segundo Amaral (2001, p. 69)

³. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2014/03/1426123-dilma-culpa-bolivia-por-cheia-historica-no-rio-madeira-em-rondonia.shtml>>. Acesso em: 09 jan. 2015.

(...) a utilização do provérbio, ou de qualquer outra forma considerada clichê, é um recurso argumentativo que livra o locutor da responsabilidade única pelo que disse. Sua própria enunciação evoca um locutor autorizado, aqui reconhecido como toda coletividade.

Segundo Orlandi (1999, p. 43), “tudo que dizemos, pois, um traço ideológico. E isto não está na essência das palavras, mas na discursividade, isto é, na maneira como, no discurso, a ideologia produz seus efeitos, materializando-se nele.”.

TM3- *Para explicar a situação da cheia, Dilma usou uma fábula e defendeu as usinas Santo Antônio e Jirau, que estão sendo acusadas de serem as responsáveis pelo problema na região. “É um absurdo atribuir às duas hidrelétricas a quantidade de água que vem pelo rio. E eu até uso a fábula do lobo e do cordeiro. O lobo [bebe água] na parte de cima do rio e diz ao cordeiro: ‘você está sujando minha água’. O cordeiro respondeu: ‘não estou, não. Eu estou abaixo de você no rio’. A mesma coisa é a Bolívia em relação ao Brasil. A Bolívia está acima do Brasil em relação à água”, afirmou.*

O quarto texto “Cheia histórica do Madeira deixa rastro de destruição”⁴, escrito por Caio Barretto Friso em especial para o Globo, aborda o assunto contextualizando a enchente, desde seu início até os prejuízos trazidos pela tragédia.

É possível encontrar no quarto texto excertos que mostram uma face diferente da tragédia: pequenos relatos feitos pelos atingidos pela enchente. Um caminhoneiro que mora no estado da Paraíba contou como foi afetado:

TM4a- *Estou aqui há oito dias, sem saber quando poderei voltar para casa. Quando cheguei ao trecho interditado, vi a água subindo aos poucos até engolir a estrada. O Madeira é um rio perigoso.*

A enchente afetou a vida de cada uma das vítimas de forma diferente, considerando que alguns foram afetados diretamente e outros não. Em um dos

⁴BRISO, CaioBarretto. Cheia histórica do Rio Madeira deixa rastro de destruição. O Globo, [S.l.], 30 mar 2014. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/brasil/cheia-historica-do-rio-madeira-deixa-rastro-de-destruicao-12034876>>. Acesso em: 09 jan. 2015.

abrigo, improvisado em uma igreja, uma mulher de 35 anos teve uma experiência memorável, tendo em vista que deu luz, ao quarto filho, no banheiro do abrigo.

TM4b- *Eu estava no banheiro quando a bolsa rompeu. Corri para o quarto e não deu tempo de a ambulância chegar: as mulheres daqui me ajudaram no parto. Nunca mais me esquecerei desse dia.*

TM4c- *“Não queria sair, mas não tive escolha. Abandonar aquela casa foi como se eu estivesse deixando minha mulher para trás. Eu esqueci de salvar as nossas fotos. Isso eu não poderia ter acontecido.”*

Nesta passagem em especial, identificam-se questões relacionadas ao pertencimento do sujeito. O discurso do locutor demonstra que ao deixar sua casa, a sensação era que “*estivesse deixando minha mulher para trás*”. Podemos perceber que o pertencimento do viúvo está relacionado ao local em que ele vivia com a mulher. Segundo Woodward (2013, p, 15), “as pessoas assumem suas posições de identidade e se identificam com elas”. Nesse contexto, o sujeito relaciona a identidade com o local em que morava com a esposa.

Em agosto, ainda havia moradores que retornaram a sua casa, enquanto outros retornavam apenas para observar o que restou após a enchente. Em ambas as situações é possível relacionar os fatos à questão do pertencimento dos sujeitos, que foram abalados pelo deslocamento sofrido por conta da cheia.

O próximo texto⁵, TM5, refere-se a uma visita realizada ao bairro Triângulo, por técnicos da Controladoria Geral da União (CGU), iniciada com uma vistoria na Estrada de Ferro Madeira-Mamoré (EFMM). Os representantes da Controladoria Geral da União e das Defesas Cíveis Municipal e Estadual conversaram com moradores do bairro sobre as consequências da cheia:

⁵REDAÇÃO, Rondonoticias. Técnicos da CGU avaliam destruição pela cheia do Madeira. Rondonoticias, Rondônia, 11 ago. 2014. Disponível em: <<http://www.rondonoticias.com.br/noticia/meio-ambiente/1700/tecnicos-da-cgu-avaliam-destruicao-pela-cheia-do-madeira>>. Acesso em: 09 jan. 2014.

TM5a- *Morador do Bairro Triângulo desde 1970, XX conta que perdeu tudo que tinha e que a casa onde ele morava com a família também está prestes a desabar. "Essa casa tinha muro, tinha calçada, todos os dias eu já amanhecia varrendo, tirando as folhas. Enquanto a casa estiver aqui eu venho olhar, mas quando também tirarem tudo o que ficou eu nem vou mais passar, para não lembrar mais", afirmou o agricultor.*

Na passagem acima, TM5a, podemos identificar questões de identidade, subjetividade e pertencimento do sujeito. A subjetividade é reconhecida por Marques (2001, p.23) “como resultado dos condicionantes sociais, ideológicos, inconscientes e, ao mesmo tempo, lugar de novas elaborações que, na linguagem, podem ser percebidas a partir das marcas de intervenção do sujeito.” Nesse caso, podemos perceber como a subjetividade e a identidade do sujeito em questão estão relacionadas a sua moradia. Quando ele afirma que “*enquanto a casa estiver aqui eu venho olhar*”, pode-se observar que o pertencimento e a identidade está relacionada à sua antiga moradia.

Uma análise geral dos discursos produzidos frente à cheia do Madeira

Os discursos produzidos frente à cheia do Madeira geraram discussões em vários segmentos da sociedade, além disso, marcou momento histórico em Porto Velho, tendo em vista a proporção do fenômeno e das pessoas diretamente impactada pela situação da cheia. Atingiu diretamente várias pessoas que viviam nas proximidades do rio; algumas comunidades foram deslocadas, como a Nossa Senhora de Nazaré.

Foi possível perceber a multiplicidade de discursos dos sujeitos envolvidos diretamente e indiretamente, ora atribuindo, a cheia histórica do rio Madeira, a responsabilidade a construção das usinas, ora aos fenômenos naturais. Bakhtin (1997, p. 319-320) afirma que,

todo enunciado, além do objeto de seu teor, sempre responde (no sentido lato da palavra), de uma forma ou de outra, a enunciados do outro anteriores. O locutor não é um Adão, e por isso o objeto de seu discurso se torna, inevitavelmente, o ponto onde se encontram as opiniões de interlocutores imediatos.

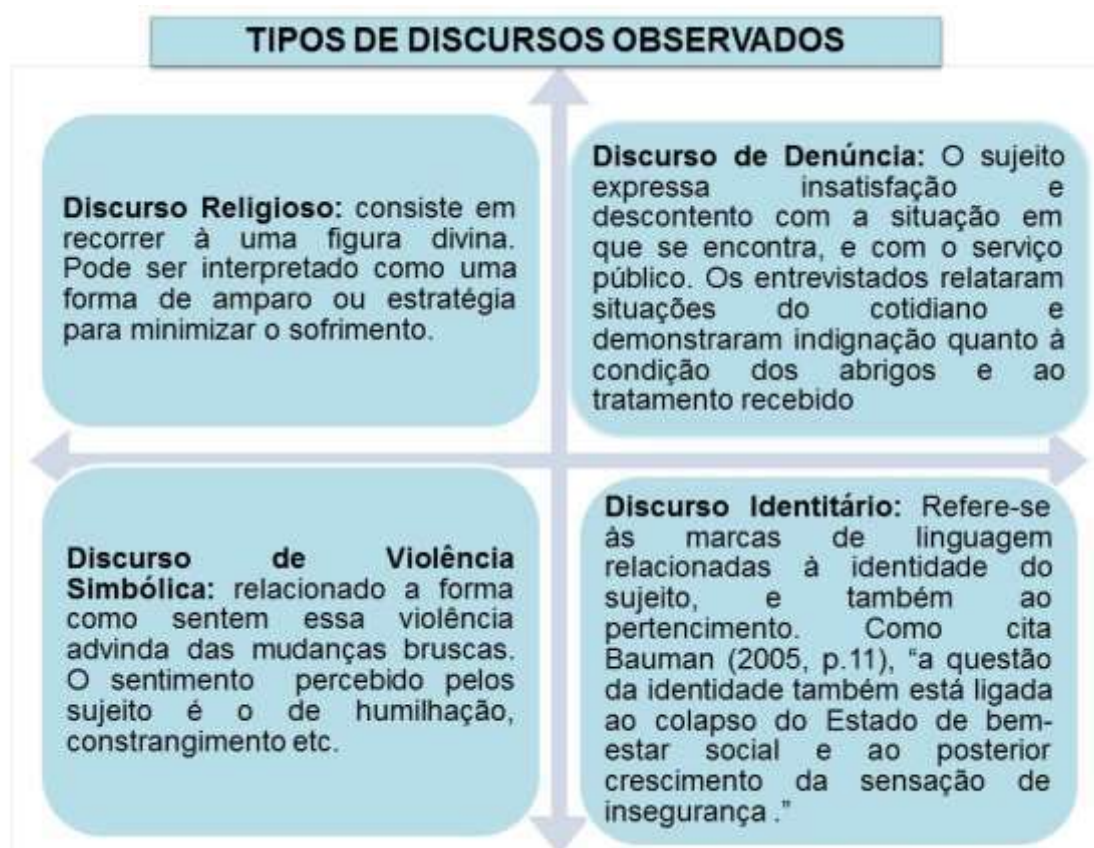
Dessa forma, podemos apreender que os discursos mostram opiniões distintas, já que o sujeito pode deixar subentendidas as relações que mantêm com os enunciados do Outro, já que “o novo não está no que é dito, mas no acontecimento de sua volta” (FOUCAULT, 2011, p. 26).

A partir das análises dos dados elencamos os discursos mais recorrentes; são eles o discurso religioso, o identitário, o de denúncia e o de violência simbólica. Esse último relaciona-se a forma como os sujeitos percebem essa violência, a qual está ligada, para eles, à humilhação. Foi possível identificar a recorrência da palavra “humilhação” em 5 entrevistas, sendo elas: NR1, NR2, NR3, NR4 e NR8.

Não almejávamos apontar com a análise uma verdade absoluta ou quem está ou não com a razão, mas considerar os vários discursos e as diversas formações discursivas para que pudéssemos discutir os processos históricos, culturais e identitários nos quais esses sujeitos estão envolvidos. Além disso, comentar as experiências, representações e processos regulatórios presentes no ato discursivo. Tendo em vista que o discurso é o resultado da posição discursiva que cada sujeito ocupa na enunciação.

Em sequência esboçamos um organograma com os principais discursos recorrentes nas análises.

Organograma 1- Tipos de Discursos



Fonte: A pesquisadora

Considerações Finais

A presente pesquisa propôs-se a analisar as práticas discursivas representativas do posicionamento do Estado e da Sociedade quanto à enchente do rio Madeira em Porto Velho, ocorrida no mês de fevereiro de 2014.

Para tanto, foi realizada uma pesquisa qualitativa, sob a perspectiva da Análise do Discurso. Tais análises foram feitas através da coleta de excertos midiáticos divulgados entre fevereiro e outubro de 2014, e entrevistas realizadas com desabrigados pela cheia, em bairros afetados e em abrigo provido pelo governo do Estado.

Dentre os objetivos específicos, nos propomos a investigar os fatores atribuídos pelos sujeitos dos discursos acerca da enchente histórica; evidenciar os efeitos de discursos possibilitados pela documentação em especial as hipérboles e diminuições produzidas por transferência de responsabilidade política e administrativa; discutir as implicações dos impactos da cheia do rio em grupos familiares urbanos de Porto Velho, diretamente afetados pelo transbordamento do rio e, finalmente, analisar, do ponto de vista histórico os desafios de criação e manutenção de identidades pessoais e coletivas (familiares), frente ao fenômeno de amplo impacto e repercussão discursiva.

A coleta de dados e a construção do referencial teórico da pesquisa, que são passos iniciais para o desenvolvimento da pesquisa, foi o que possibilitou olhares distintos sobre o problema da cheia, analisando os diversos posicionamentos encontrados a respeito na mídia.

A realização das entrevistas e das respectivas análises também trouxe uma nova perspectiva a nossa visão enquanto pesquisadores e leitores: os conceitos estudados ganham vida e contextualizam-se no tema da pesquisa.

A identidade dos sujeitos é agora acessível para ser estudada, e o que motiva seus discursos também. Ao analisar os discursos presentes nas entrevistas coletadas, é possível encontrar marcas identitárias que indicam como o sujeito se identifica e o que o leva a identificar-se dessa forma. Esteve presente também a perda da identidade para a “subclasse” de Bauman (2005), consequência do deslocamento descrito por Hall (2005) e que sofrido pelos afetados.

Sendo assim, os recursos bibliográficos utilizados foram imprescindíveis para um bom desenvolvimento desta pesquisa, como o esperado.

Alguns conceitos, contudo, destacaram-se um pouco mais por conta da amplitude de aplicações possíveis/por meio da amplitude de suas aplicações práticas dentro e fora do campo de pesquisa abordado.

As aplicações de conceitos como a identidade e discurso de um sujeito não se limitam apenas a teoria, mas se tornam conceitos práticos que, ao tomarmos conhecimento, se aplicam às nossas relações sociais, possibilitando uma compreensão melhor de como essas relações se entrelaçam, e como nossas noções sociais são construídas.

Há mais um lado que pôde ser observado durante o desenvolvimento da pesquisa: as questões sociais relacionadas ao tema abordado. Algumas das análises das entrevistas realizadas e boa parte das passagens midiáticas dão uma nova roupagem à problemática da enchente.

Por fim, citamos novamente os principais discursos revelados nas entrevistas e textos midiáticos, que foram organizados na análise, sendo eles o discurso religioso, o identitário, o de denúncia e o de violência simbólica, sofrida pela humilhação da dependência econômica – de morarem em abrigos ou de favor em casa de parentes e conhecidos. Conforme explanamos, esses discursos têm sua raiz na história social dos indivíduos. Catástrofes naturais como essas geralmente causam algum tipo de dependência dos afetados, principalmente a dependência econômica, o que, por sua vez, causa nesses o sentimento de humilhação.

Foi possível observar as consequências do desastre na sociedade civil de Porto Velho: bairros completamente destruídos, avenidas alagadas, o patrimônio público e histórico Estrada de Ferro Madeira Mamoré coberto por água e um número de desalojados e desabrigados que aumentava junto ao nível do Rio Madeira no primeiro semestre de 2014.

No segundo semestre, ainda haviam famílias desabrigadas, sem receber auxílio do Poder Público. Passado o auge da cheia, é hora de reparar o prejuízo: são estimados bilhões para reconstrução dos municípios rondonienses afetados. A reconstrução também é uma necessidade das famílias que tiveram sua vida afetada.

Referências Bibliográficas

AMARAL, Nair Ferreira Gurgel do. **Clichês em redação do vestibular: uma estratégia discursiva**. In: *Análise do discurso: uma leitura em três enfoques*. Porto Velho: Edufro: 2001. P.17-95

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

FAIRCLOUGH, N. **Discurso e mudança social**. Brasília: Editora UNB, 2008.

FERNANDES, Cleudemar Alves. **Análise do Discurso: Reflexões Introdutórias**. 2ed. São Carlos: Editora Claraluz, 2007. 128p.

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso** – Aula inaugural no *College de France*. Pronunciada em 2 dezembro de 1970. 21 ed. São Paulo. Ed. Loyola: 2011.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Ed. Vértice, 2003.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. (Trad. Tomaz Tadeu da Silva &Guacira Lopes Louro). 11 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

MAINGUENEAU, Dominique. **Termos-chave da análise do discurso**. Tradução Márcio Venício Barbosa, Maria Emília Amarantes Torres Lima. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

MARQUES, Maria Celeste Said. **Panfletos: uma leitura sob o olhar de Bakhtin e de Certeau**. Porto Velho/RO: EDUFRO, 2001.

ORLANDI, Eni. P. **Análise de Discurso: Princípios e Procedimentos**. São Paulo: Pontes, 1999.

POSSENTI, Sírio. **O "eu" no discurso do "outro" ou a subjetividade mostrada**. V.39. São Paulo: Alfa, p.45-55, 1995.

SARGENTINI, Vanice Maria Oliveira. Heterogeneidade Discursiva – O discurso jornalístico. In: NASCIMENTO, Edna Maria F.S; GREGOLIN, Maria do Rosário Valencise (orgs.). **Problemas atuais da Análise do Discurso**. Publicação do curso de pós-graduação em linguística e língua portuguesa. Ano VIII- Nº 1 – UNESP: Campus de Araraquara, 1994.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 13.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.